

Os Usos do Corpo nos festivais de música eletrônica¹

Tiago Coutinho

Atualmente os temas *body*, *self*, *agency*, e *embodiment*² estão no centro do debate teórico da antropologia. Através de uma renovada atenção a estes aspectos da vida social que tradicionalmente tinham recebido menos ênfase, a antropologia repensa e questiona dualismos clássicos como indivíduo/sociedade, natureza/cultura, corpo/alma e homem/mulher. São estas questões trazidas ou recolocadas para o campo de reflexão antropológica pelas críticas pós-modernas e desconstrutivistas que, antes de significarem o fim desta ciência, significaram sua renovação para sua prática etnográfica (Lagrou 2004). Particularmente, o estudo do corpo tem sido valorizado em reação as análises onde é dada uma forte ênfase à sociedade ou a cultura, que são vistos como textos, sistemas normativos, sistemas simbólicos, restando pouco espaço para o indivíduo que fatalmente será determinado por este sistema englobante. O corpo é visto como algo passivo que a sociedade incide. Com o objetivo de criticar este tipo de abordagem, autores como Csordas e Jackson trazem de volta para o debate acadêmico a questão do corpo. O primeiro buscando um novo paradigma do *embodiment*, ou seja, a forma que recebemos e desenvolvemos uma determinada cultura a partir do corpo, e o segundo com o seu “empirismo radical” que pretende ser tão radical no empirismo que inclui o corpo do sujeito que pesquisa na análise, problematizando dualismos como sujeito/objeto e corpo/mente. Paralelo a este movimento de redescoberta do corpo como categoria analítica, estamos vivendo um contexto social e histórico particularmente instável e mutante, no qual os meios tradicionais de produção da identidade- como a

¹ Texto apresentado na VI Jornada Interna dos alunos do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

família, a religião, a política, o trabalho, entre outros- se encontram enfraquecidos, onde é possível imaginar que muitos indivíduos ou grupos estejam se apropriando do corpo como meio de expressão ou representação do eu (Goldenberg 2002). Esta apropriação do corpo pode ser vista no livro “Nu & vestido”, onde antropólogos analisam alguns destes usos no meio urbano.

É dentro deste contexto que pretendo discutir e problematizar alguns usos do corpo numa determinada festa contemporânea. A pesquisa foi desenvolvida em dois anos e possibilitou a reunião de um vasto material sobre o tema, entre eles 30 entrevistas realizadas entre freqüentadores brasileiros e estrangeiros, que serão apresentadas de forma bastante resumida. O tipo de festividade proposto neste estudo está relacionado com uma tradição de grandes eventos para juventude, como era o caso de *Woodstock*. Trata-se de um tipo bastante peculiar de festas de música eletrônica ou festas *rave*. Distribuídos ao longo do ano com intervalos que variam de dois a quatro meses, estas festas formam um calendário que percorre diferentes partes do Brasil. Estes lugares possuem a comum característica de serem verdadeiros paraísos naturais, afastados de tudo aquilo que relembre a noção de cidade, como: montanhas, cachoeiras, praias paradisíacas, florestas e campos. No Ano Novo, tem início o calendário nas praias e paisagens de Trancoso na Bahia, onde foi o primeiro “palco” destas festas no país. O calendário continua com a Celebra em Parati no RJ entre os meses de abril e maio, seguido pela Trancendence que acontece nas proximidades da Chapada dos Veadeiros em Julho, pela Earthdance que se realiza em Cachoeira Alta MG no mês de setembro, a Universo Paralello que ocorre próximo ao Ano Novo na Bahia e voltando para Trancoso e o início do Calendário. Estas festas duram em média de três a sete dias e são freqüentadas geralmente por jovens entre 20 e 30 anos com um alto poder aquisitivo.

² Optei por não traduzir tais conceitos, pois não gostaria de entrar na problemática de quais seriam os termos em português que transmitem melhor estas idéias. Só para se ter uma noção, o conceito de

Além do alto custo da viagem e da alimentação nos dias de festa, o participante paga entre 100 e 200 reais pelo ingresso, excluindo assim grande parte da população deste tipo de evento. A média de público destes eventos varia entre duas e quatro mil pessoas.

Estas festas teriam surgido na região de Goa na Índia no início dos anos 90 e chegaram ao Brasil no final desta década trazido por alguns viajantes. Este grupo relega sua origem no movimento *hippie* dos anos 70, que com a perseguição do governo norte americano, muitos deles foram à busca de uma “espiritualidade perdida” no ocidente, no oriente (Bellah, 1977). E todos estes viajantes se reuniam em uma pequena praia na Índia, na Região de Goa. Esta região tem como característica a tolerância com os ocidentais, pois se trata de um lugar isolado do oriente pelos 450 anos de colonização portuguesa. Estas festas aconteciam entre o natal e ano novo e serviam para celebrar esta espiritualidade e trocar experiências vividas. Esta mistura de ocidente com oriente possibilitou o surgimento de características bem peculiar deste grupo. Como a região era famosa entre os europeus, estes introduziram nestas festas um novo tipo de música que surgira na Europa, a música eletrônica. Porém esta música também foi influenciada por Goa, e surgiu o *Goa trance*, que seria a música eletrônica européia, com o toque de transcendência que a busca espiritual de Goa proporcionava. Estas festas eram regidas por Goa Gil, o primeiro dj que introduz esta mistura sonora com o contexto *hippie* criando o universo destas festas que se tem hoje em dia. Este americano de São Francisco que mora na Índia há 30 anos foi responsável por esta mistura ou *bricolagem*³ de elementos culturais distintos, que unidos neste universo particular, ganham conteúdo e sentido. O grupo fala constantemente na volta do movimento *hippie* numa nova roupagem. No Brasil estes eventos foram trazidos por estrangeiros que visitavam a

embodiment pode ser traduzido como corporalidade, incorporação ou encorporação.

³ Este termo proposto por Levi-Strauss, ajuda a ilustrar o processo de como se constitui a “cosmologia” deste tipo de festa. Elementos ocidentais e orientais se misturam neste universo particular e ganham sentido no dia de evento, criando-se assim uma “lógica do concreto”.

Bahia no verão e por alguns brasileiros que moravam em Goa nesta época seguidores de orientações religiosas desta região. Hoje em dia estes eventos atraem milhares de jovens pelo país, movimentam um grande mercado de música, turismo, produção de eventos que tem na rede mundial de computador o seu principal ponto de encontro.

Os usos do corpo

Assim como nos ritos, estas festas produziram e reproduziram formas bastante complexas de comunicação que são ligadas a signos, símbolos e imagens que é atribuído um significado ou um grupo de significado que estaria no imaginário deste grupo (Vallery). Os dados etnográficos recolhidos neste período de pesquisa mostram que a busca por um determinado estado de êxtase ou de transcendência por parte de seus participantes seria o valor predominante neste imaginário. Este estado seria alcançado pela fórmula: música + performance + drogas, onde nos dias de evento é oferecido um conjunto de signos sem, contudo, oferecer um código que os permita interpretá-los completamente, ficando a cargo de cada participante encontrar o melhor meio de se atingir este estado. O próprio nome *rave* viria do inglês e estaria relacionada com a idéia de exaltação, euforia de um estado diferente do cotidiano. O nome de algumas festas convida também a este estado, como é o caso da Trancendence, Universo Paralello. O tipo de música executada nestes eventos é *psychedelic trance* ou transe psicodélico, que seria uma vertente da música eletrônica que com seu alto caráter repetitivo com batidas bem marcadas e com sua progressão de acordes que lembram a música oriental dos mantras, levam o ouvinte a estados hipnóticos. A decoração do lugar é composta por

elementos heterogêneos que se relacionam com esta temática transcendental, como painéis com figuras geométricas e desenhos tridimensionais que remetem a um outro estado de consciência, figura de povos indígenas, de entidades orientais como Shiva ou Ganesha ou qualquer motivo que o grupo acredite que há busca por um plano não material. Na parte noturna destes festivais cores fluorescentes são misturadas com luzes negras que dá um tom cintilante e brilhante a todo o ambiente do evento. Os lugares que abrigam tais eventos são geralmente de difícil acesso e não possuem a infra-estrutura de um centro urbano, criando-se assim um cenário cada vez mais distante do cotidiano.

Entre os signos oferecidos nos dias de evento e este estado particular buscado pelo grupo, encontra-se o principal veículo de comunicação destes festivais: o corpo. É nele que os signos incidem diretamente e onde a eficácia simbólica deste rito urbano está baseada. A busca pelo êxtase deve passar necessariamente pelo corpo, seja alterando seu metabolismo através da intoxicação por substâncias psicoativas⁴, seja por movimentos repetitivos e cadenciados, ou ainda através do “jogo de sentidos” que se estabelece nestes eventos. Este “jogo” está relacionado com os estímulos que o corpo humano recebe através dos diferentes sentidos. Como já foi mencionado, o tipo de música executada nestes eventos é chamada de *psychedelic trance*, ou trance psicodélico, onde os modernos computadores permitem a utilização de um curioso recurso de som, o sub grave. Estes sons estariam fora da capacidade humana de captar sons graves se não fossem executadas num volume bastante elevado. Neste volume o corpo humano não reconhece o som pela audição, mas pelo tato. Este recurso faz com que o som não seja mais ouvido e sim sentido. O alto volume provoca um deslocamento de ar que em contato com o ar da caixa torácica do participante, transmite a sensação de que o som grave está preenchendo seu corpo. Neste contexto, a música além de ser

⁴ Uso o termo genérico da farmacologia “psicoativo” que designa de forma abrangente substâncias que produzem alteração no estado psíquico (Macrae e Simões, 2000).

ouvida ela é sentida. Os lugares onde se realizam os eventos oferecem um grande estímulo à visão, onde praias desertas, cachoeiras, campos, lagos, compõe o cenário do evento. A visão é ainda estimulada pela decoração da festa. Durante o período noturno do festival, onde as belezas naturais não podem ser captadas, entra em cena uma mistura cintilante de cores fortes com luz de tom azul. Esta mistura é chamada pelo grupo de decoração *flúor* ou fluorescente. Amarelo, laranja, verde e rosa, assumem outra conotação ao serem iluminadas pela luz negra. Um tom cintilante e brilhante transforma o evento dando um tom futurista e induzindo a uma outra realidade. O tato é constantemente estimulado pela expressão corporal de cada pessoa que interage com a música de alguma forma.

O corpo deve ainda sofrer algumas alterações em seu metabolismo para que o “jogo dos sentidos” atinja o objetivo de êxtase. Esta alteração acontece mediante a ingestão de alguma substância psicoativa que levaria o participante para um outro estado de consciência. O consumo de drogas é algo bastante difundido neste grupo e principal fator de estigma frente os outros grupos urbanos e principalmente, frente o estado⁵. Numa pequena enquête informal constatei o uso de substâncias como: maconha, ácido lisérgico, cocaína, *ecstasy*, MDMA, haxix, Charas, inalantes, *mescalina*, anti-depressivos, álcool, tabaco, lsa, anfetaminas, *skunk*, o uso de *daime* e *jurema*. Apesar de todas estas substâncias serem encontradas, o *ecstasy* seria aquela de maior aceitação e que viria de encontro com os valores buscados pelo grupo. As

⁵ No ano de 2003, duas festas foram interrompidas por policiais e agentes do ministério público no estado do Rio de Janeiro e foram denunciadas pela grande mídia. Na festa de Niterói prisões foram feitas, drogas foram apreendidas e alguns menores que freqüentavam o ambiente foram expulsos, enquanto que na de Barra Mansa, foi apreendido um saco de munição encontrado com seguranças, drogas apreendidas e falta de um alvará para a realização do evento. Tais eventos chegaram a ser proibidos, e continuam sendo até os dias de hoje, pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que não concede alvará para a realização de tais *rave* com a alegação que as festas fariam apologia ao consumo de drogas. Segundo o Jornal do Brasil de 25 de abril de 2004, tais festas estariam se tornando um caso de segurança pública, tendo a necessidade de se criar uma delegacia especial.

entrevistas mostram que o *ecstasy* levaria o participante para um estado consciência onde os diferentes fatores se harmonizassem e formassem um contexto extraordinário. O estado de êxtase que se busca indo a estes tipos de festa nada mais é do que dar sentido a um contexto cultural onde fatores como: música, estado alterado de consciência, lugares paradisíacos, condições diferentes da vida cotidiana e muitas pessoas convivendo num período de alguns dias, se relacionam e formam um todo inteligível num determinado intervalo espaço-temporal.

Expressividade e apresentação para o “outro”

E neste movimento o corpo passa a ser o principal veículo de construção do *ethos rave*. Parece existir uma preocupação com a apresentação do “eu” para os “outros”, o que poderia significar algum tipo de controle num ambiente aparentemente sem regras. Esta conclusão surgiu depois de refletir sobre a razão do uso de dois curiosos adereços usados por quase todos os participantes e que a primeira vista podem não significar nada, mas se forem analisados com cuidado podem dizer muito sobre o grupo; refiro-me ao uso de óculos escuros e do chiclete.

O primeiro destes utensílios é freqüentemente usado pelos participantes, pois quando um indivíduo faz uso de alguma substância psicoativa, como o *ecstasy* ou o ácido lisérgico, seu metabolismo responde à substância dilatando a pupila ocular e em alguns casos provoca múltiplas piscadelas. Nesse estado a luz do sol incomoda e as pessoas recorrem aos óculos de sol. Esta seria a explicação científica para o fato, mas a explicação nativa ressalta outro ponto curioso. Em algumas conversas e alguns comentários, pude perceber que os óculos escuros escondem um tipo de reação que não é muito aceita. Tentarei explicar meu ponto com alguns depoimentos. M. de 21 anos diz

que quando exagera na dose seus olhos viram, suas pálpebra mexem sem parar e sua pupila fica muito dilatada e alega “não posso estar com esses olhos no meio da pista, os óculos é fundamental”. Ou P. de 22 que diz que “não suporta ver gente no meio da pista (de dança) virando o olho, é horrível”. O uso de óculos evita comentários no meio da pista de dança como “Nossa, como você está feio na foto”. O uso de chicletes também visa esconder possíveis efeitos colaterais de determinadas drogas. Outro conhecido efeito colateral observado por consumidores de drogas sintéticas é o bruxismo. O bruxismo tem como principal característica movimentos leves e bastante repetitivos da mandíbula, dando a impressão de que este está com muito frio. O ato de mascar o chiclete não permite distinguir se a pessoa esta tendo bruxismo ou se realmente está mascando. Os comentários de P. afirmam que “é muito feio ver também aquela bateção de dentes”, ou “parece que ta todo mundo no pólo norte em pleno cerrado brasileiro”. Os dois acessórios tornam-se marcas registradas dos frequentadores de *rave* e nos possibilita pensar como são construídos os limites do permissível e do excesso dentro de um contexto aparentemente anárquico.

O uso de chiclete e de óculos escuros nos mostra que nestes festivais, onde o consumo de drogas é condição ou maneira mais rápida e fácil para atingir um estado de êxtase procurado pelo grupo, existe um estado ideal, que não é claramente percebido e que varia de pessoa para pessoa, de evitar qualquer excesso. As piscadas de olhos involuntárias, rápidas e incessantes, a dilatação da pupila e a tremedeira contínua da mandíbula são características expressas no corpo, de que algum abuso foi cometido. O uso destes dois acessórios esconde qualquer forma de abuso e torna apresentáveis os efeitos colaterais indesejados num campo onde a aparência é algo importante. O controle pelo grupo dos excessos é feito através de fofocas e comentários maldosos para com aqueles que os cometem. São frequentes os comentários do tipo “Nossa, o que

aquela menina deve ter tomado, ela esta horrível”, ou a atribuição de apelidos como robô, caranguejo, “surtado”, dependendo da aparência que a pessoas possuem. Muitos dos entrevistados por mim, afirmam que o limite da dosagem de droga está ligado a percepção que o outro tem de você. M. afirma que tem medo de tomar muita quantidade de algum psicoativo pois “tenho medo de dar a louca e sair correndo pela festa, ou querer tirar a roupa, e o dia seguinte? Um festival é muito tempo” ou P. “não posso tomar muito *ecstasy* pois fico me mordendo todo, fico um monstro” P. “não acho adequado para uma festa virar um *freak show* onde criaturas horríveis ficam perambulando” J. “ não, sai daqui, não vou te dar mais bala se não você vai ficar andando bicudo por aí” “tira ele de perto do palco, ele está horrível”. Assim, mesmo num contexto aparentemente tolerante com relação à experimentação, o convívio entre milhares de pessoas em um prazo de poucos dias estabelece limites que tornam-se características deste grupo. Os óculos escuros e o chiclete indicam controles que na maioria das vezes inibem o abuso de drogas. O culto da aparência, bastante presente no mundo atual e bem difundido nestes festivais, pode ser um dos fatores que influencia. O padrão de beleza e o senso de estética mudam neste contexto onde o belo tem inúmeras tatuagens, tem longos *dreads lock*, possui *piercing* espalhado por todo o corpo. Mas mesmo com esta mudança não deixam de existir os limites e os controles. O estado ideal para este grupo seria o “estado de êxtase” e não o abuso de drogas, que se procura evitar através do contexto social.

A busca por este autocontrole do corpo pode ser visto ainda na associação feita entre estas festas e a cultura do malabarismo executado fora do circo. *Malabares* são vendidos durante os eventos, oficinas são oferecidas e os encontros internacionais são realizados nestes festivais, tornando-se parte constituinte desta cultura *rave*. Segundo os entrevistados que praticam o malabarismo, este traria auto-controle e direcionaria o

estado alterado da pessoa. F que é malabarista profissional e é remunerado para estar nestes eventos, afirma que o *malabar* “tem que estar no ritmo da música e no ritmo da “doideira”. Observando uma destas apresentações constatei que o número de vezes que a ponta do bastão passa rente ao chão é igual a metade do número de batidas por minuto da música executada, o que significa uma coerência rítmica entre os elementos. A perfeita harmonização dos membros do corpo, com o ritmo da música com a cadencia do *malabar* transmitiria auto controle e domínio do corpo num momento de estado alterado de consciência. Quando o *malabar* oferece algum efeito pirotécnico, esta harmonização aumenta envolvendo além dos movimentos, o tato, com o calor do fogo, e a visão com sua luz. Os *malabares* mais comuns são: perna-de-pau, bolinhas, swing, bastão e massa.

Vestimentas e acessórios

Os participantes têm o corpo como principal meio de apresentação. As roupas constituem um primeiro exemplo. Estas são vendidas na própria festa, e constituem traço bem característico deste grupo. São geralmente de cores fluorescentes, os motivos das estampas variam, mas prevalecem os desenhos psicodélicos: círculos, espirais, rodãozinho, nuvens, geometrias que levam a um infinito, ou com divindades das mais diferentes crenças espirituais: como *Shiva* sentada em posição de meditação, *Ganesha* numa floresta, o símbolo dos *kin* do calendário Maia, letras indianas. O mais comum é as mulheres usarem saias bem largas e compridas ou longos vestidos de pano semelhantes aos dos *hippies* dos anos 70 ou panos enrolados em forma de vestimenta e os homens usarem uma calça bem larga que lembra a dos praticantes de ioga ou o uso

de bermudas. A cartucheira é o lugar onde o participante guarda seus pertences. Esta é formada por um cinto que nos lados direito e esquerdo, na direção do fêmur possui dois bolsos que são usados para guardar os utensílios necessários para o participante durante a festa. Dinheiro, documentos, chaves de barraca, drogas, tudo é transportado por estes utensílios que podem se encontrar feito principalmente de couro bruto ou pano. É comum o uso de sapatos e tênis bem resistentes e confortáveis. A grande maioria dos participantes usa colares, pulseiras, cordões, prendedores de cabelo que são feitos geralmente de maneira artesanal por alguns freqüentadores das festas. É comum o uso de sementes, pequenos galhos, penas de animais, plantas raras, conchas, na confecção de tais indumentárias que são características do vestuário de tal grupo.

Outra característica bem marcante nos participantes é o corte de cabelo. O mais comum entre eles é o *dread lock*, muito usado por Bob Marley e os Rastafari da região da Jamaica. Este tipo de cabelo era usado por seguidores desta religião que cultuavam o rei Rasta que fora personificado na forma de um leão, e para lembrar este animal, os seguidores esfregavam os cabelos na palma da mão até quebrar e se juntar uma grande massa capilar, formando longos cachos de cabelos quebrados, que lembrariam uma juba. Este tipo de cabelo é visto tanto em participantes masculinos quanto femininos. Outra maneira de cortar o cabelo é o estilo *moicano*, onde o participante raspa o cabelo deixando uma grande listra que se inicia no centro da testa e acabaria no centro da nuca. Em algumas tendas de artesanato era comum colocar fios de linha fluorescente entre alguns chumaços de cabelos, e colocar cristais como prendedor de cabelo.

É quase onipresente entre os participantes o uso de tatuagem. Após uma detalhada observação, arrisco dizer que mais de 90% dos freqüentadores da festa possui alguma. E dos usuários, a maior parte possui mais de uma ou tem o corpo coberto por

um grande número. O mais comum seria os grandes desenhos, os chamados painéis que cobririam as costas inteiras, ou o braço, ou qualquer outra parte do corpo. Dentre os motivos desenhados, alguns se destacam por aparecerem mais constantemente: os desenhos tribais que lembrariam espinhos que formariam alguma figura geométrica, os motivos religiosos orientais; é comum encontrar entre os participantes as costas inteiras com o desenho de Shiva ou de outra entidade, desenhos dos povos do Taiti com figuras geométricas em tom escuro, desenhos com motivos Maia, Inca ou Asteca: o deus sol, a rainha lua, a pedra do calendário Maia, além dos motivos ou imagens de indígenas brasileiros, como o rosto de um Yanomami, ou de um índio na colheita do cipó. Outras figuras tatuadas pelos participantes são círculos, espirais psicodélicas, além de imagens de planetas longínquos e de extraterrestres. Notei ainda que entre as mulheres existe uma particularidade de se tatuar fadas. Elas podem estar voando entre flores, andando entre nuvens, sentadas em cima de grandes cogumelos. Outro desenho muito freqüente escolhido pelo sexo feminino é a de estrela, sozinha ou em forma de constelação. Outro enfeite usado pela grande maioria dos participantes é o *piercing*. Localizados na língua, na orelha, na sobrancelha, na barriga, no nariz, eles podem ser de metal, ou de acrílico fluorescente. Outro curioso *piercing* encontrado é conhecido como alargador. Localizado principalmente na orelha, este se constitui de pequenos círculos que são introduzidos no glóbulo da orelha e que com o tempo, vão aumentando de tamanho podendo chegar ao tamanho de uma moeda de um real. Ao atingirem um certo alargamento os participantes colocam pequenos pedaços de madeira, pequenos círculos de metal ou grandes cristais. É comum andar pelo festival e encontrar pessoas com muito mais de um *piercing*.

Conclusão

O corpo se torna elemento central da estrutura dinâmica desta festa. É através de seus usos que se atinge o estado esperado pelo grupo. O “jogo de sentidos” trabalha com os diferentes sentidos humanos a fim de harmonizar e tornar inteligível os elementos simbólicos desta festa, oferecendo ao participante um momento diferente da vida cotidiana. A música estimularia a audição com som repetitivo e não convencionais executados em alto volume, o lugar e a decoração trabalhariam com o lado visual do participante e o consumo de psicoativos ordenaria este “jogo de sentidos” interligando elementos aparentemente incompatíveis. Este todo harmonizado seria o bem buscado pelo grupo. Um bem que tem como principal veículo de comunicação o corpo. Este comunica tanto o estado que se deseja atingir, quanto o estado indesejado e não aceito. O uso de óculos escuros e chiclete mostram que existe um estado ideal onde qualquer excesso é denunciado e “moralmente” proibido pelo grupo. Neste contexto aparentemente sem regras, vemos uma busca constante pelo autocontrole e pela autodisciplina. O uso de malabares seria um exemplo de como se autocontrolar num ambiente que o corpo sofre inúmeros estímulos simultâneos. Além de comunicar os estados desejados e indesejados do grupo, o corpo serve ainda de principal instrumento de apresentação do “eu” para o “outro”. Roupas, tatuagens, *piercings*, corte de cabelos, utensílios, todos estes objetos apontam para uma exacerbada preocupação com a expressividade. Assim como propôs Maria Laura Cavalcanti em seu estudo comparativo entre os ritos de carnaval e boi bumbá, tentei neste breve artigo apreender a percepção nativa do uso dos sentidos da audição e da visão via categorização. Partindo do contexto etnográfico das festas de música eletrônica, pretendi atingir um plano estrutural de significação onde os sentidos nos conduzem a valores culturais centrais para este determinado grupo.

Bibliografia Citada

BELLAH, R. *The Religious consciousness and the crisis in modernity*. Berkeley: University of California Press, 1977.

CAVALCANTI, Maria Laura. “O sentido do espetáculo”. *Revista brasileira de ciências sociais*. Número22.

CSORDAS, Thomas. “**The body’s Career in Anthropology**”. In *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press.

GOLDENBERG, Mirian. “Nu & Vestido”: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Record 2002.

JACKSON, Michael. “**Things as they are**” Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press. 1996.

MACRAE, E. SIMOES, J. **Rodas de Fumo: O uso da maconha entre camadas média urbanas**”. EDUFBA, 2000

ROBIN, Marcus. **The Last Hippie Standing**. Documentário da Tanjij Filmes, Alemanha.

VALERY, Valério. Rito. *Enciclopédia de ciências sociais*. FGV 1970.